

UMBERTO MANNARINO

DAS CINZAS DE
ONIRA



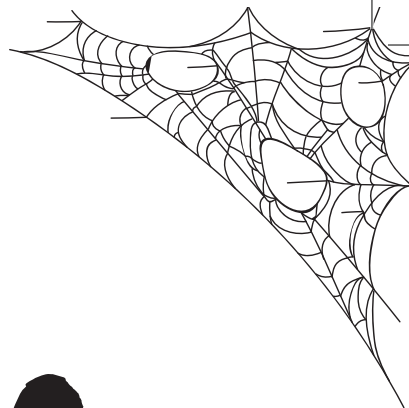
Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

SUMÁRIO

Capítulo 1	– Pesadelo	9
Capítulo 2	– Família...?	19
Capítulo 3	– A casa além da lareira	25
Capítulo 4	– Um lampejo	35
Capítulo 5	– Jade	39
Capítulo 6	– Do outro lado da lareira	43
Capítulo 7	– A casa invertida	59
Capítulo 8	– Pelotão, sentido!	67
Capítulo 9	– Fantasma	83
Capítulo 10	– Conselhos de Onira	89
Capítulo 11	– O major tem um plano	95
Capítulo 12	– O sonho de Olívia	101
Capítulo 13	– Entre dois mundos	117
Capítulo 14	– A escalada de volta	125
Capítulo 15	– Onira	137
Capítulo 16	– O Tatu-Bola	145
Capítulo 17	– A <i>Estrela Viandante</i>	173
Capítulo 18	– Aisling	185
Capítulo 19	– O dia a dia no convés	199
Capítulo 20	– O topo do mundo	205
Capítulo 21	– Um presente do tio Lucas	217
Capítulo 22	– As chamas se apagam	223
Capítulo 23	– Major F	229
Capítulo 24	– O caminho de volta	237
Capítulo 25	– Recomeço	253
AGRADECIMENTOS		255



CAPÍTULO I

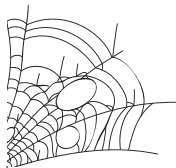


PESADELO

— **C**uidado! — Cuidado!
— É, é! Cuidado!
— Calem a boca! Imbecis!
— Por quanto tempo ela vai dormir?
— Para sempre! Para sempre!
— Cuidado, Olívia! Não dê ouvidos a eles!
— De hoje ela não passa!
— É! De hoje ela não passa! — Ela vai morrer?!
— Só respire, só respire.
— As vozes não são reais! Não são reais!
— Calem a boca!
— Shhh...
— Shhh... silêncio! Ela está acordando!
— É, é! Silêncio!
— Shhh...

——*

Longe. Tudo parecia tão longe. Sentia o mundo a quilômetros de distância. Estava deitada de costas, imóvel, afundada em um colchão com cheiro de eucalipto e detergente barato. Tentou olhar ao redor, ver onde estava, mas suas pálpebras pareciam cobertas por uma manta invisível que as impedia de abrir por completo. Com os olhos



semicerrados, tentou focar um único ponto no teto, mas o quarto pareceu girar, girar, em um turbilhão de borrões brancos que se espiralavam à sua volta como um redemoinho de gesso. Fechou os olhos de novo, o coração batendo rápido no peito. Preferia o escuro, ao menos por enquanto. No escuro podia pensar.

As lembranças ainda estavam bagunçadas em sua mente. Não sabia onde estava nem como ou por que chegara ali. Só sabia que estava com frio. Seus pés formigavam e ardiam, gelados. Tentou aguçar os ouvidos, escutar, mas o único som que ouvia era o tumulto de seus pensamentos. Tudo o mais estava em silêncio absoluto, como se naquele lugar nada pudesse ou quisesse acontecer. Como se tudo fosse permanecer daquele jeito até o fim dos tempos.

Levantou um pouco a cabeça para olhar ao redor, mas uma força invisível pareceu puxá-la violentamente pela garganta de volta para o travesseiro. Uma dor aguda começou a se espalhar por todo o seu peito, um calor súbito que subia pelas paredes dos pulmões, pelo pescoço, queimando-a de dentro para fora por onde passava. E, por mais que tentasse gritar, por mais que forçasse o choro, nenhum som conseguia escapar.

Tentou respirar fundo, mas o ar foi arrancado de seus pulmões de uma só vez em um fluxo brutal no sentido oposto que fez todo o seu corpo arder e se contrair involuntariamente. Não tinha mais controle, o ar entrava e saía de seu corpo como uma entidade viva e com vontade própria, violando-a a seu bel-prazer.

Estava exausta.

O quarto foi ficando escuro, cada vez mais escuro, e, quando estava prestes a perder a consciência, sentiu um leve toque no ombro.

— Não lute, Olívia — disse alguém ao seu lado.

Era uma voz feminina. Soava distante, apagada, quase como um sussurro.

— Não precisa lutar — repetiu ela. — É só seguir a corrente: para dentro... e para fora; inspire... e expire. — E fazia sons altos, simulando uma respiração cadenciada.

Olívia obedeceu. Inspirou e expirou, acompanhando o ritmo da voz.

A dor no peito sumiu.

— Viu? — disse a mulher. — Bem melhor, né?

Olívia tentou responder alguma coisa, perguntar onde estava, o que tinha acontecido, mas as palavras pareciam congeladas em sua garganta.

Virou a cabeça para vasculhar o quarto, procurar a mulher, porém foi mais uma vez puxada pelo pescoço de volta para o lugar. A dor se espalhou por seu peito, mais forte do que antes.

— Não mexa a cabeça — aconselhou a mulher. — Tente ficar o mais quieta possível, ok? Só respire. Para dentro... e para fora. Vamos lá, junto comigo.

Olívia sentiu a cabeça ficar leve, leve. O som da voz se afastava aos poucos. E tudo voltou a ficar escuro.

Acordou com o som de uma conversa. Um homem e uma mulher. Não conseguiu reconhecer as vozes, mas pareciam vir de perto, como se sussurrassem ao seu ouvido.

— Ela teve muita sorte, não teve? — perguntou a mulher.

— Pois é — concordou o homem. E, após uma longa pausa, completou: — Muita.

— Coitadinha...

Um hospital. Sim, só podia ser: estava em um hospital. O homem era um médico, Olívia logo percebeu. Mas quem era aquela mulher? Uma enfermeira, possivelmente. Ou talvez a sua mãe.

Sua mãe... É, bem que podia ser. Falando com o doutor, perguntando se a filha iria ficar bem. Preocupada, do jeitinho que as mães tinham de ser. Mas aquela voz... não, não soava nem um pouco como a de sua mãe. Aquela voz era rouca, arrastada, com um sotaque carregado que insistia em colocar as sílabas tônicas em uns lugares esquisitos. Definitivamente não podia ser a voz de sua mãe.

Se bem que... Como, então, era a voz de sua mãe?

Abriu os olhos, assustada. Não conseguia se lembrar. Da voz de sua mãe, do rosto... nada! Fazia força, apertava os olhos, mas sua mente parecia apagada, completamente vazia. Tentou se lembrar de seu pai, mas a mesma coisa aconteceu.

Por quê? Por que não conseguia lembrar? O que estava acontecendo?

Quis gritar, pedir ajuda, implorar que alguém lhe explicasse tudo, mas a pressão no pescoço apenas crescia, como se estivesse sendo estrangulada por mãos cadavéricas. Depois de algum tempo tentando lutar contra a dor, rendeu-se ao silêncio.

Com o canto dos olhos, vasculhou o aposento para encontrar a origem das vozes, mas o vórtice ao seu redor era tão intenso que fazia

todos os sons, já distantes, desaparecerem por completo por trás das imagens sem sentido. Decidiu fechar os olhos e apenas escutar. Teria prendido a respiração se pudesse controlá-la. No escuro forçado, conseguiu se concentrar nos murmúrios. Entendeu poucos trechos da conversa, palavras e frases isoladas:

— Coitadinha — disse a mulher, após algum tempo de silêncio. — Ela é só uma criança.

— Mas ela foi esperta de se esconder na lareira — respondeu o homem. — Foi o que salvou a vida dela, na verdade.

— A chuva, né?

— A chuva e as teias. As duas coisas juntas.

Um suspiro.

— Ela deu muita sorte...

— Deu. Mas ainda assim... — E Olívia não conseguiu entender o resto.

Após um longo período de ruídos incompreensíveis, a mulher pareceu dizer:

— Menina resistente...

— Ela inalou muita fumaça — comentou o doutor, e repetiu, com um suspiro: — Deu sorte.

E uma pergunta da mulher que Olívia não conseguiu decifrar.

— Pois é... — respondeu o doutor. — Vamos ter que esperar ela acordar para ter certeza. Mas é possível que... — e sua voz esvaneceu pouco a pouco, até desaparecer por completo.

Quando Olívia acordou, não ouvia mais as vozes. Quem quer que fossem aquelas pessoas, não estavam mais ali. O único som que se ouvia era o de bipes agudos que vinham de algum lugar no outro lado do quarto.

Não estava mais tonta, conseguia olhar ao redor. Mas o que... o que era *aquilo*? Seguiu com os olhos um enorme tubo de plástico que parecia sair de sua garganta, mantendo sua boca aberta, e se ligava a um aparelho com um visor cheio de barras e números, que aumentavam e diminuíam no mesmo ritmo de sua respiração.

Inspire... e expire...

E os ponteiros no visor subiam e desciam.

Inspire... e expire...

Bip... bip...

É, já era um avanço saber o que era aquela coisa que prendia sua cabeça no lugar. Faltava agora tirá-la dali. Concluiu, porém – e com razão –, que o doutor provavelmente não iria gostar nem um pouco se entrasse na sala e a visse tentando tirar o tubo da garganta por conta própria. Decidiu só esperar, então, e franziu a testa para não admitir nem para si mesma que, não, não teria sido capaz de tirar o tubo da garganta sozinha.

Estava deitada em um leito de hospital, coberta até a cintura com um lençol cinza desbotado que fazia barulho de plástico quando ela se mexia. Cinco eletrodos em seu peito conectavam-se a uma máquina com um visor preto e verde que mostrava seus batimentos cardíacos em tempo real, junto com alguns outros dados que ela não conseguiu reconhecer. Outras máquinas piscavam números e letras coloridas por todos os lados, com bipes agudos e descompassados que faziam o quarto mais parecer uma gigantesca máquina de fliperama.

Com o canto dos olhos, continuou examinando a sala. Uma haste de metal ao seu lado sustentava uma bolsa com um líquido transparente, conectado à veia de seu braço por um cateter. *Soro*, deduziu. *Que nem na TV*. Uma poltrona de couro brilhante com rodinhas de ferro nos pés enfeitava o canto próximo à janela, iluminada pelo padrão listrado da luz que se infiltrava pelas persianas semiabertas. Virada diretamente para Olívia, com o assento afundado por conta do uso, a poltrona dava a impressão de um fantasma que a encarava dali, inclinado para a frente, invisível. Próximo. Se fizesse força, podia quase ouvir o som de sua respiração ofegante.

Não, não, não. Sacudiu a cabeça para afastar aquela ideia ridícula de fantasma. *Foco, Olívia, foco*.

Ouviu a porta se abrindo. E passos. Reconheceu as vozes: o doutor devia estar à frente – sua voz era a mais alta de todas. Veio acompanhado da mulher com quem estava conversando da última vez e, por fim, da moça que lhe tinha dito para não lutar contra o aparelho de ventilação (Olívia já gostava dela automaticamente por isso). Os três vinham discutindo o caso usando uma enxurrada de termos técnicos difíceis – o que deixou Olívia um tanto apavorada de início, pois, fossem o que fossem um “eletrocardiograma”, uma “intubação orotraqueal” e “monóxido de carbono” pareciam coisas bastante sérias para uma criança ter de uma só vez.

Se bem que... até que ela não era mais tão criança assim. Será que já estava chegando à idade de ter aquelas coisas? Não, não podia ser. De

qualquer forma, criança ou não, ela não queria ter aquilo. Flagrou a si mesma chorando baixinho, com medo, e tomou o máximo de cuidado para continuar respirando ao ritmo da corrente do aparelho de ventilação.

Com a visão turva, viu apenas os vultos se aproximando. O doutor foi o primeiro, e a garota pôde ver de soslaio o seu contorno contra a luz. Era um homem enorme, volumoso, massudo e – para poupar eufemismos – redondo. Era quase um círculo perfeito e parecia (palavras de Olívia, não minhas) um sapo gigante com uma barba grisalha e meio esquisita. Ele a encarou por alguns instantes, calado, os olhos fixos nos seus. Beliscava a pele do queixo duplo, esfregando lentamente as unhas na barba rala e falhada, que mais parecia uma doença contagiosa se espalhando pelo pescoço. Tamborilava os dedos na cabeceira do leito, meio desconfortável de ver a menina chorando, e tentando inventar um jeito de quebrar o silêncio.

Duas mulheres vestidas de azul-claro surgiram de trás dele: enfermeiras, como Olívia havia suspeitado. Perto do doutor, pareciam palitos de fósforo de tão magras. Ao olhar para os três, Olívia involuntariamente pensou em um conjunto de bonecas russas: imaginou a cena das duas enfermeiras, *matryoshkas* filhotinhas, abrindo o homem pela barriga como uma caixa de joias para entrar de novo em suas casas. Uma dentro da outra, dentro da outra. Se o doutor fosse oco, deviam caber. E com folga.

As duas mulheres sorriram para ela. Uma pegou um lenço do bolso e enxugou as lágrimas de Olívia com cuidado quase maternal.

— Olha só quem acordou! — disse o médico por fim em tom animado, ignorando completamente aquela última cena. Sua voz era grave como a de um barítono, exatamente a voz que se espera ouvir de alguém daquele tamanho. — Como está se sentindo, Olívia? Pisque uma vez para “mal” e duas para “bem”... E uma e meia se estiver mais ou menos — concluiu com uma piscadela, como alguém que acha que está contando uma piada.

A garota pensou um pouco e acabou piscando duas vezes.

— Ah, que ótimo! — respondeu ele. — Menina resistente!

As enfermeiras sorriram ainda mais. Seus olhares eram tranquilizantes. Olívia tentou sorrir de volta para elas, mas o tubo na garganta a impedia. Sentiu novas pontadas no peito e fez uma careta de dor.

— É, o tubo dói mesmo — começou o doutor, agachando-se para olhá-la na altura dos olhos. — Mas agora nós vamos tirar isso, ok? Vai ser rápido.

Virou-se para as enfermeiras e fez um gesto rápido com a cabeça. As duas dirigiram-se aos lados opostos da cama e seguraram os braços da menina contra o colchão.

— Preparada? — perguntou ele, próximo ao ouvido da menina.

(Agora uma dica para quem está lendo este livro no hospital, prestes a ter um tubo removido da garganta, e por acaso é apresentado a essa pergunta do doutor: só porque ficar apertando desesperadamente os olhos várias vezes em sequência pode significar, *para você*, um claríssimo “Não, não, pelo amor de Deus”, não quer dizer que os médicos vão pensar a mesma coisa. O mais provável, na verdade, é que pensem o mesmo que no caso de Olívia e se entreolhem, satisfeitos, pensando “Uau, que coragem!”. Em vez disso, então, tente revirar os olhos, ou piscar alternadamente o esquerdo e o direito. Nada garantido, lógico, porque Olívia não pensou em fazer isso para ver no que dava, então não temos como prever o que iria acontecer. Mas talvez – só talvez – eles entendam diferente, e não arranquem o tubo da sua garganta.)

Sendo assim, porém, e como Olívia não tinha lido este livro à época do acontecido, o homem se aproximou e falou em um tom de voz preocupantemente cortês:

— Ok... quando eu falar “já”, você vai soprar o mais forte que conseguir, tá bom? Ai o tubo vai sair mais fácil.

Ela piscou uma vez. Duas vezes. Piscou até uma e meia. Mas não tinha mais volta, sabia disso.

— Ótimo, vamos lá! — disse o médico, sacudindo a cabeça ao ritmo da contagem: — Três... dois... um... *JÁ!* — E puxou o tubo.

Olívia sentiu uma forte pressão dentro do peito, seguida por uma dor aguda subindo pela garganta, como se estivesse sendo rasgada de dentro para fora. Tentou gritar, mas a dor aumentou, cresceu, quase explodiu em seu interior.

E o tubo saiu de uma só vez.

O doutor enrolou o comprido objeto de plástico no aparelho de ventilação como se aquele fosse o procedimento mais normal do mundo, soltou um pigarro exagerado e voltou a atenção para a menina.

A garganta ardia, mas Olívia ficou aliviada ao descobrir que conseguia respirar novamente por conta própria. Deu um grande suspiro, dessa vez totalmente sob seu controle. Sem dizer uma palavra, virou

apressadamente a cabeça para todos os lados, explorando os cantos do aposento. Já não era mais puxada de volta para o travesseiro pela força invisível na garganta. O médico e as duas enfermeiras sorriam para ela com um olhar compreensivo. A menina sorriu de volta.

— E aí, como estamos? — perguntou o doutor, afinal, afofando o travesseiro para que ela apoiasse as costas.

Olívia se ajeitou na cama. Mas ora, doutor, que pergunta! Estava bem, lógico, na medida do possível. Mas aquilo era o de menos! Por que ela estava ali? Onde estavam os seus pais? E, principalmente, por que não se lembrava deles? *Essas, sim*, eram as perguntas importantes. Sentiu todas as palavras em sua mente lutando entre si para escapar e, ao mesmo tempo, sedentas por respostas. Naquele momento, porém, a única coisa que conseguiu ordenar em uma frase relativamente coerente foi:

— ... Estou um pouco tonta. — E voltou a se calar, apesar das vozes em sua cabeça que insistiam em gritar “Onde estou?” e “O que houve?”, incapazes de escapar.

O doutor examinou Olívia de cima a baixo, meio a contragosto, com um olhar afiado como um bisturi. Voltou a beliscar discretamente o queixo. Colocou a mão pesada sobre o ombro da menina e a fitou nos olhos.

— Ah, sim..., — disse. — É, faz parte.

(Nesse ponto, Olívia concluiu que o doutor não levava lá muito jeito com crianças... ou com gente no geral.)

— Mas já está bem melhor, né? — emendou ele.

Olívia concordou de leve com a cabeça para não o contrariar e baixou os olhos. A cena que viu, porém, fez sua espinha congelar: seus braços estavam cobertos de manchas vermelho-escuras e bolhas enormes, formando uma espécie de crosta com uma textura de escamas que se estendia até a ponta dos dedos. A pele estava solta em vários pontos, revelando um emaranhado branco, rosa e vermelho de músculos e nervos por debaixo. Olívia levou a mão à boca para não soltar um grito, mas a frágil crosta em cicatrização sobre a pele se rompeu em vários pontos com o movimento súbito, o que fez seu braço arder como se alguém tivesse esfregado um ferro quente em sua pele.

O doutor sentou-se na beira da cama e pegou a mão da menina, tentando tranquilizá-la:

— Não se preocupe com as queimaduras, Olívia, que isso é o de menos. Nós vamos dar um jeito. — E completou: — O pior já passou.

Olívia olhou uma última vez para a pele deformada dos braços. Quando abria e fechava as mãos, podia quase sentir as camadas de fibras e músculos roçando como fios desencapados sob os ferimentos.

— ... Obrigada — disse por fim, após uma longa pausa.

O doutor apertou um pouco mais a mão dela como resposta e se ergueu da cama em um salto – elegante como um sapo, segundo Olívia –, e foi analisar os gráficos que apareciam na tela de um dos aparelhos.

— Está com fome, Olívia? — perguntou uma das enfermeiras.

— Muita! — respondeu ela sem nem pensar.

— Vai ser meio difícil de ela engolir — disse o médico, sem tirar o olho do visor. — A faringe ainda vai ficar sensível por um tempo.

— Não importa! — contestou a outra. — Ela está morrendo de fome, a coitadinha. — E saiu do quarto para buscar alguma comida, sob os olhares recriminatórios do médico.

A enfermeira voltou alguns minutos depois trazendo uma bandeja repleta de frutas, sucos, pães ainda fumegantes de todas as formas e tamanhos, bolinhas de manteiga e fatias grossas de marmelada, e cinco ou seis opções de geleias em pratinhos de porcelana. Os olhos de Olívia brilharam (e aposto que os do leitor também brilhariam, já que tanta comida boa assim junta não é lá uma coisa tão comum em um hospital). Sentiu que seria capaz de comer tudo aquilo e ainda não ficaria satisfeita.

Devia ter passado dias sem comer. Não conseguia se lembrar de ter tido uma refeição decente desde... desde... bom, *desde o quê?*

— O que aconteceu? — perguntou baixinho, alternando o olhar entre o doutor e as duas enfermeiras. — O que aconteceu comigo?

O homem respondeu ainda de costas com um tom indiferente:

— Você sofreu um acidente, Olívia.

— ... mas está tudo bem agora! — acrescentou logo uma das enfermeiras.

— Tudo... bem? — balbuciou a menina, sentindo-se um pouco tonta novamente. — Então... eu não vou morrer?

— Morrer? — explodiu o médico, finalmente se virando. — Quem te disse isso?

Olívia precisava fazer força para articular as palavras.

— Eu... eu ouvi alguém.

O doutor e as enfermeiras se entreolharam, preocupados. Por fim, uma das mulheres se aproximou e disse, acariciando os cabelos de Olívia:

— Não... não, meu anjo. Você está bem agora. Vamos cuidar de você.

— O pior já passou — acrescentou a outra.

— O... pior? — perguntou a menina. — O que aconteceu?

— A sua casa, Olívia... — hesitou o doutor. — Teve um incêndio na sua casa.

— Trouxeram você para cá já tem alguns dias — disse a mulher que alisava seu cabelo. — Você inalou muita fumaça, Olívia, quase entrou em coma. Mas nós conseguimos trazer você de volta. — E concluiu, passando-lhe a mão na testa: — Não tem mais perigo, tá?

Fogo? Um incêndio? Não... Olívia não conseguia se lembrar de nada daquilo. Repassou mentalmente algumas imagens de incêndios que tinha visto pela televisão, tentando se imaginar naquelas situações, procurando encaixá-las de alguma maneira em memórias reais. Nada chegava perto.

Mas as queimaduras nos braços não podiam ter surgido de outro jeito.

— Pode ir comendo, Olívia. Não precisa mais se preocupar — disse a outra enfermeira. E, como se pudesse ler a sua mente: — Vamos trazer umas pessoas aqui que querem te ver, e aí a gente conversa melhor sobre o que aconteceu.

É, não era bem aquilo que Olívia esperava ouvir, mas já era alguma coisa. Ao menos estavam chegando a algum lugar. Assentiu vigorosamente com a cabeça, como se concordando com a proposta, pegou um *croissant* e o mergulhou na geleia de laranja, devorando-o em duas mordidas. A dor na garganta nem incomodava mais. A enfermeira deixou escapar um sorriso misto de compaixão e deleite, ergueu-se da cama e, com uma rápida olhada para trás, saiu da sala.

Olívia comeu e comeu, e comeu ainda mais. Nem o doutor conseguiria comer tanto. Ela não foi capaz de terminar tudo que estava na bandeja, como tinha previsto, mas chegou perto. Quando restavam apenas alguns pãezinhos pela metade, ouviu vozes vindas do corredor e o som da porta se abrindo. A enfermeira entrou primeiro, seguida por um homem e uma mulher.

